

ANTÓNIO LOBO ANTUNES

Obra Completa
Edição *ne varietur* *

SÔBOLOS RIOS QUE VÃO

Romance

* Edição *ne varietur* de acordo com a vontade do autor
Revisão filológica de
António Bettencourt



DOM QUIXOTE

21 DE MARÇO DE 2007

Da janela do hospital em Lisboa não eram as pessoas que entravam nem os automóveis entre as árvores nem uma ambulância que via, era o comboio a seguir aos pinheiros, casas, mais pinheiros e a serra ao fundo com o nevoeiro afastando-a dele, era o pássaro do seu medo sem galho onde pousar a tremer os lábios das asas, o ouriço de um castanheiro dantes à entrada do quintal e hoje no interior de si a que o médico chamava cancro aumentando em silêncio, assim que o médico lhe chamou cancro os sinos da igreja começaram o dobre e um cortejo alongou-se na direcção do cemitério com a urna aberta e uma criança dentro, outras crianças vestidas de serafim de guarda ao caixão, gente de que notava apenas o ruído das botas e portanto não gente, solas e solas, quando a avó no muro com ele desistiu de persignar-se sentiu o cheiro das compotas na despensa, vasos em cada degrau da escada e como os vasos intactos não aconteceu fosse o que fosse, por um triz, estendido na maca à saída do exame, não perguntou ao médico

– Não aconteceu fosse o que fosse pois não?

e não aconteceu fosse o que fosse dado que os vasos intactos, a avó que morreu há tantos anos ali viva com ele, o avô defunto há mais tempo a ler o jornal com o seu aparelho de surdo, o silêncio do avô

alarmou-o fazendo com que o ouriço se lhe dilatasse nas tripas arranhando, doendo, coloco-o numa placa de granito, bato com o martelo e a doença esmagada, alguém que não distinguia empurrava-lhe a maca corredor adiante, notava a chuva, caras, letreiros, a governanta do senhor vigário no alpendre enquanto pensava

– É o meu esquife que empurram

a oferecer-lhe uvas

– Apetecem-te uvas menino?

e desapareceu logo, não se lembrar do nome da governanta do senhor vigário preocupou-o, lembrava-se do avental, dos chinelos, do riso, não se lembrava do nome e por não se lembrar do nome não iria curar-se, o avô dobrou o jornal no sofá e não o olhou sequer, quis pedir

– Não consegue fazer nada por mim?

e o mais que podia esperar era a concha da mão na orelha

– O quê?

e sobranceiras juntas no sentido de ninguém

– Que disse ele?

de forma que o pássaro do seu medo continuava aos círculos, olha as raízes dos pés e os dedos que apertam o lençol, os pobres, aqueles que esperavam o elevador deixaram a maca entrar primeiro, fitaram-no um momento e esqueceram-se, achou impossível que não se recordassem dele, a avó punha-lhe um chapéu de palha com o elástico roto durante as vindimas, qual a razão de todos os chapéus de palha com o elástico roto e quase todas as chávenas sem um pedaço da pega, tinha seis, sete anos, descobria calhaus de mica e girava-os para a direita e para a esquerda a reflectirem a luz, não acreditava que o não notassem na varanda para a serra procurando apanhar os insectos da trepadeira com uma caixa de fósforos vazia e nunca apanhou nenhum, não estava no hospital em março, à chuva, estava em agosto na vila, se o mandavam fazer recados trocava de passeio antes de alcançar a moradia com a dona Lucrecia na cadeira de inválida ao alto dos degraus a acenar-lhe a bengala

– Aproxima-te rapaz

e ele sem ninguém que o protegesse tal como sem ninguém que o protegesse agora, a dona Lucrecia à espera no centro da enfermaria para onde o levavam, decidiu exigir ao empregado

– Expulsem a dona Lucrecia primeiro

e no caso de exigir

– Expulsem a dona Lucrecia primeiro

apostava que uma concha de mão

– O quê?

e o jornal a chegar ao meio-dia, meu Deus como tudo se repete, o que aconteceu até hoje salvo o hospital e a doença, sempre que o avô enfiava os óculos no bolso a certeza que um dedo ou dois se perdiam no forro de mistura com as lentes, a bengala da dona Lucrecia

– Aproxima-te rapaz

e a ferocidade das bochechas que mastigavam sem fim, este corredor cheira à farmácia da vila onde contavam que dantes os lobos junto à escola no inverno, percebiam-se as marcas no chão e restos de vitelo iguais aos dele depois da cirurgia amanhã, uma interna espreitou da porta conforme a mãe antes de apagar a luz

– Quietinho

de luz acesa a mãe, sem luz uma silhueta escura, passos que se dispersavam nos mil compartimentos da casa ou não passos, pérolas de colar quando o fio cede, o número de criaturas, senhores, em que a mãe se tornava ao ir-se embora e nenhuma com ele ajudando-o a salvar-se da noite, o cheiro das compotas na despensa regressou e sumiu-se, caindo na asneira de ordenar

– Fica comigo cheiro

sentir-se-ia mais sozinho e com mais medo, que designação esquisita a seu respeito, cancro, que impensável morrer e solas e solas na vila e uma cadela parada a olhar, mesmo que não saiba o que lhe acontece o olfacto dela sabe, adivinham desgraças, uivam de pescoço esgalgado sobre as patas traseiras, a avó

– Oxalá o sapateiro não beba muito para dobrar o sino em condições

e com o dobre do sino os pombos a espantarem-se, mudam para a capela abandonada, regressam à tarde e instalam-se nas cornijas da Câmara, enervam-se com uma pinha que tomba e a falta de óleo das carroças, um burro estaca de súbito com os dentes ao léu e soluça, soluça, o avô entende qualquer coisa sem compreender o que seja e é opero-o amanhã visto que mira em torno desconfiado, nunca falava, no caso de descobrir que conversavam acerca dele sorria, experimenta o sorriso do teu avô, não um sorriso, uma expressão de desculpa ou uma concordância humilde, ao dar-te de comer estendia a colher e a boca que se arredondava era a sua, limpava-te com o lenço sem acertar nas migalhas, recomeçava

– Só mais duas e meia

isto na varanda para a serra e os castanheiros tranquilos, as loiças tranquilas, quase tudo tranquilo na infância excepto a bomba a puxar limos do poço, o restolhar do milho e o louco de cobertor pelos ombros anunciando às cabras

– O mundo inteiro é meu desgraçadas nenhuma estrela se mexe sem que lhe ordene que sim

ele no hospital não usando as palavras, para quê, o louco estava a par

– Resolva-me isto senhor Borges

e por cima do quarto, na sala, alguém batia os tacões com força, divertido, pontuando as frases, o senhor Borges contornou um tapume e o bosque de faias comeu-o, o nervoso jogou-lhe uma garra ao coração feito de pavor e lágrimas, difícil de equilibrar em segredo, nem um grito apesar de tantos gritos em si, cada gesto que não fazia gritava, cada movimento da cabeça gritava, cada pedaço de pele contra o lençol gritava, se os tacões se calassem um instante percebiam

– O que se passa com o miúdo?

passa-se que células podres do intestino a invadirem-no destruindo os pulmões, os ossos, o fígado e crianças vestidas de serafim com asas mal coladas nas costas, que terrível e cómica a morte, troça de ti mesmo, despreza-te, no livro de História as datas do nascimento e da ago-

nia dos reis que não lhe faziam diferença por não serem as dele, o bispo fechou as pálpebras de D. João II e D. João II

– Ainda não

os bisavós do álbum

– Ainda não

também, o de bigode, o careca, aquele fardado de coronel com medalhas, mal virava a página um

– Ainda não

desbotado que recusava ouvir, o coração desequilibrou-se sem que desse conta porque as bochechas molhadas, quando o boi castanho morreu tiveram de quebrar-lhe os tornozelos para caber na cova, as pálpebras do boi apesar de cobertas de varejeiras

– Ainda não

e não nos ralámos com o sofrimento dele ou as bochechas molhadas, lembrava-se do som da terra sobre o tambor do lombo, de uma minhoca tornada duas pelo sacho e as duas a devorarem-se gulosas e da lagartixa a aprender a ser pedra numa falha de muro e nisto o pai a jogar ténis no hotel dos ingleses do volfrâmio e ele a correr para apanhar as bolas que pulavam a cerca, apanhou a última junto à piscina onde uma estrangeira loira se enxugava e ficou de bola contra o peito aprendendo a ser pedra também numa exaltação que desconhecia.

– O que é isto?

vontade de ser crescido, timidez, embaraço, se a estrangeira loira lhe sorrisse ajoelhava ou fugia, que misteriosa a vida, davam-lhe banho na selha da cozinha e o desconforto de estar nu à vista da empregada, pequeno, magro, submisso tal como na enfermaria pequeno, magro e submisso de novo, a estrangeira loira regressou ao hotel com um cestinho de cremes e cada nádega um alcatruz que se enchia dele e o despejava sem o levar consigo, não devolveu a bola ao pai porque não era uma bola, era o seu sangue depressa, mesmo hoje o seu sangue depressa ao recordá-la, guardou a bola na arca da roupa e de vez em quando acariciava-a numa delicadeza que em todos estes anos não se repetiu, na janela do hospital menos pessoas e menos automóveis, daqui

a pouco noite e a miséria do seu corpo no escuro, a voz dele independente de si

– Não

e por quantas semanas continuaria a ter voz, por quantas semanas

– Não

até a garganta apodrecer por seu turno e quando a garganta apodrecida que ecos, apetecia-lhe regressar à nascente do Mondego, um fiozito entre penedos quase no alto da serra e não achou o fiozito, lembrou-se de musgos e musgo algum no hospital, o pai

– É aqui que nasce o Mondego

e não acreditou, uma humidade serra abaixo que nem as bochechas era capaz de molhar, corolas amarelas, besouros, nenhum pássaro a tremer os lábios das asas, que idade teria, não foi um enfermeiro quem lhe tirou o sangue, foi a dona Irene que tocava harpa ao serão e lhe chamava Antoninho, o notário com mil canetas na algibeira do casaco e se calhar, no meio das canetas, um ou dois dedos também, visitava-a a seguir ao jantar e passados minutos ouvia-se a harpa, o sangue no tubo não vermelho como ele pensava, escuro, se o bispo lhe fechasse as pálpebras não respondia

– Ainda não

calava-se, a dona Irene apertou-lhe um algodão contra o braço e as mil canetas do notário brilhavam

– Antoninho

a dona Irene a levantar-se

– Não o magoei amigo?

com uma bata branca e um relógio pendurado de cabeça para baixo de um alfinete na bata, se o operam amanhã o jardineiro, não o médico, quebra-lhe os tornozelos com o sacho para caber na cova e a serra nítida ao longe, a dona Irene foi-se embora a sacudir um tubo e as vibrações das pás de terra nela, o telefone gesticulou no corredor e a voz de um homem esclarecendo

– O doutor Hélder desceu ao bloco

o cheiro do seu nervoso anulava o cheiro do hospital sem anular o cheiro das compotas, a dona Irene

– A harpa é uma questão de pulso
 movimentando escravas, uma questão de pulso, o rápido das seis
 abanava os cálices e entortava o quadro sobre o carrinho do açucareiro
 e do bule, na altura do jantar puxavam a dona Lucrecia do alpendre

– Uma canjinha dona Lucrecia
 e logo no princípio da canja ela
 – Estou cansada

embora no dia seguinte lhe ordenasse instalada sob os frascos da
 sala de operações a agitar a bengala

– Aproxima-te rapaz

e o empregado que transportava a maca ao encontro do crucifixo
 sobre o vestido de luto e das pernas inchadas, se a avó lhe pusesse
 o chapéu de palha não morria, passeava na vinha à cata de búzios
 incrustados no granito da época em que o mar cobria o mundo e o espí-
 rito de Deus, como será o espírito de Deus, vagueava sobre as águas,
 para a semana, disse o médico, podemos, o telefone outra vez, a voz
 do homem

– O doutor Hélder não voltou do bloco

conversar com mais dados e enquanto os dados não vinham a avó
 fazia uma paciência de cartas na mesa de jantar percorrendo-as com
 o nariz

– Descobres o nove de paus por acaso?

e o que ele via era a dama de oiros a enxugar-se no rebordo da pis-
 cina, o coração difícil de equilibrar em segredo, não imaginava que
 coubessem tantas lágrimas naquilo, se ao menos caíssem por dentro
 em vez de molharem a cara no momento em que a anestesista fazia
 perguntas e ele para a anestesista que não se enxugava com a toalha

– Desculpe

o electrocardiograma a registar as lágrimas numa fita de papel que
 maçada, se tivesse um chapéu de palha a mais emprestava-o à aneste-
 sista e mostrava os búzios da época em que o espírito de Deus vaguea-
 va sobre as águas

– A minha mãe curava tudo com uma aspirina

convicto que tinha logrado um sorriso mais difícil de equilibrar que o coração sem que lhe admirassem o esforço, curava tudo com uma aspirina, dores de cabeça, anginas, medo de bichos, insónias, não punha o termómetro, encostava a bochecha à sua

– Estás óptimo

e por segundos uma doçura de perfume e um sabor de carne viva, a palavra filho a fazer sentido, sou seu filho e ao dizer mãe digo uma coisa verdadeira como a palavra chávena ou a palavra tecto, não a palavra morte, se encostasse a bochecha agora pode não acreditar mas ajudava, o boi respiraria apesar das varejeiras, não lhe quebrem os tornozelos e o sacho suspenso no alto

– O que te deu menino?

cachorros sem dono a espiarem-no côncavos de fome ou de nariz rente à caruma farejando coelhos, de certeza que trotam no hospital procurando-o, isto no corredor não são os enfermeiros, são eles, o modo de respirar, uma pausa pingando saliva, na semana que vem disse o médico com um pingo no sapato diminuindo-lhe a competência conversamos com mais dados, o sacho desfez-me os tornozelos, o nove de paus da avó surgiu sob o rei de oiros ia apostar que com um pingo no sapato também se existisse para lá da cintura, o doutor Hélder deve ter chegado do bloco porque o telefone calou-se, quando voltou com o pai ao ténis do hotel dos ingleses lavavam a piscina e ninguém, não apanhou bolas nessa tarde, acocorou-se num ângulo da vedação, desinteressado, enquanto as copas dos pinheiros nos segredinhos delas mudando de lugar as manchas do sol, uma escapou-se das calças antes que pudesse esfregá-la, sentiu-a na nuca, lançou a mão e perdeu-a igualmente, a certeza que não dormiria esta noite apesar do comprimido no copinho de plástico, o comprimido escorregou para se fundir numa prega de lençol e em vez do comprimido o carimbo do hospital impresso no pano, se o avô lhe emprestasse os óculos descobria o remédio, lembrou-se dos lençóis com ursinhos que tivera em catraio, todos os ursinhos de gorro e cachecol felicíssimos, não cinco dedos como nós, quatro e quatro dedos bastavam, graças aos ursinhos a doença nos antípodas, ganas de vestir-se e partir sob a chuva

– Foi um engano dos médicos

a avó escutava os comboios no cemitério de lápides tão juntas que se tornava difícil caminhar entre elas e conhecia as carruagens pelo modo como dançavam nas travessas

– Este é o mercadorias das onze este o correio das quatro

e no entanto apesar do engano dos médicos um aperto, um enjoo, uma quase dor que abranda permanecendo ali, a harpa da dona Irene um arrepio a ganhar espessura transformando-se num jorro de gotas que desciam sobre ele e ele vivo sob as gotas, alegre, pode ter-se um cancro e estar alegre, ora essa, a morte não o apanhava no interior da música porque as gotas o escondiam como escondiam os castanheiros e a casa disfarçada na hera, o tio assoou-se comovido e atrás do lenço mais um lenço como os artistas de circo, dezenas, dúzias, centenas de lenços e a bandeira nacional por fim, o tio de casaca recuou para um cortinado entre adeuses e vénias com uma pomba de lábios das asas a tremerem no ombro, o aperto transferiu-se para a coluna onde se esfrelavam ossos e o pingo no sapato designando não se entendia o quê numa radiografia

– Não me agrada esta vértebra

de modo que podem quebrar os tornozelos ao boi, enganei-me, não dispare sobre os cachorros avô, dispare sobre mim, a baba deles, a fome, nem um grito apesar de tantos gritos, cada gesto que não fazia gritava, cada movimento da cabeça na almofada gritava, cada centímetro de pele gritava, que difícil esconder este medo, o avô sozinho sempre, comia em movimentos que se não pareciam com os nossos, não ouvia os ouriços tombarem, cada comboio o mesmo comboio e todavia esses sim ouvia-os conforme ouvia o perfume dos frascos vazios e as suas frases sem peso convocando-o

– Carlos

a madrinha, a mãe, senhoras que existiam para que tropeçassemos no álbum enquanto à sua roda o mundo se estendia e encolhia numa praia final, o tempo dos relógios antigos sem relação com o nosso dado que as horas que já foram maiores, os defuntos continuavam numa

existência paralela a esta em que os móveis estalam de maneira esquisita e o líquido das jarras se oxida, o avô

– Quem são vocês?

sem compreender a que época pertencia, à da madrinha e da mãe ou à nossa, será meu neto o do hospital com uma bola de ténis que o enfermeiro lhe entrega, não um comprimido, à medida que os lobos rodeiam a escola, ei-los à volta da cama de mandíbula aberta e os guizos dos rebanhos na serra um outro jorro de gotas que não ocultam ninguém, menos abundantes, mais fracas, não supunha que os hospitais tão claros, só reboco e metal, nem que sofrer fosse assim, o coração difícil de equilibrar que resiste, não resiste, resiste, sete horas nos relógios antigos e quantas horas nele, amarrotadas, torcidas, olha os dedos que apertam o lençol e de que vale um lençol, nem uma mica nem uma bola de ténis na palma, um dos ratinhos de chocolate que lhe ofereciam em criança, de orelhas e bigodes desenhados na prata, se engolires o ratinho o aperto abranda e consegues dormir, talvez sonhes com a nascente do Mondego e caminhes juntamente com os rios numa névoa de luz, curei-me, os coelhos no casinhoto desmantelado hão-de roer a doença misturada nas ervas e o pingo no sapato acabou-se, a madrinha do meu avô

– Não o acordes

sem dar fé que ele acordado a pedir

– Ainda não

a Deus que está na Austrália ou na China, não aqui, a pensar qual a manivela dos milagres para dar vista aos cegos e multiplicar os peixes, tenho receio de enganar-me e em vez de multiplicar os peixes entornar o Mar Vermelho e afogar os egípcios, o jorro da harpa não desce mais sobre ele que passará a noite fitando a janela à medida que o enjoo cresce, és o senhor Antunes da cama onze e a dona Irene a interromper a harpa

– Antoninho

penteadando com as pontas dos dedos um vazio sem cordas, a certeza que se lhas passasse no corpo começaria a cantar, o doutor Hélder indiferente ao telefone

– Uma valsa

e em lugar do doutor Hélder o sacho a quebrar os tornozelos do boi e os tendões do senhor Antunes, não do Antoninho, o Antoninho na relva da piscina à espera, rasgados, o Antoninho jogava pedras a um lacrau cujo ferrão apontava o veneno para ele, inquietava-o a infinidade de perigos que o perseguiram, cobras, corvos desejosos de lhe furarem o peito, o sussurro das trevas a prevenir

– Ai de ti

à medida que o quarto, às escondidas dos pais, o espremia, espremia, se lhes contasse o quarto, de olhos baixos

– Não torna a suceder prometo

e uma lâmpada acesa, bastava uma lâmpada acesa a impedir de lhe fazerem mal, a autoridade das lâmpadas superior à do presidente da Câmara dono de um canino de ouro que imobilizava o dominó no café, o senhor Antunes tentou alcançar a superfície do sono na mira de certificar-se que a lâmpada continuava a auxiliá-lo aparafusada no estuque, o travesseiro num murmúrio de sumaúma

– Vi um ninho anteontem

e de facto as cegonhas desgrenhavam a cobertura do chalé com um menino de barro incapaz de fazer chichi para o lago onde papéis e ramos secos, o fantasma de um peixe vinha à tona e descia com o fantasma de uma libelinha a protestar-lhe na boca, Chalé Zulmira numa placa de azulejos com cercadura de açafates, a varanda do primeiro andar a que faltavam arabescos mas com um vaso de lilases pendurados, se calhar não lilases, tulipas, se calhar não tulipas, desisto, um vaso de plantas pendurado, pronto, que diferença faz se vou morrer e os fiapos de tecido que sobraem não se recordam de nada quanto mais de flores, que fato me vestirão entre os três dos cabides, o das riscas, o dos casamentos, o da manga cerzida, demoram-se na gravata

– Esta que ele usava e eu não gosto ou a azul que não punha e lhe ficava melhor?

sapatos engraxados e os dos palhaços de verniz, enormes, apeteceu-lhe que lhe calçassem sapatos de verniz, meias às riscas e um nariz

escarlate, lhe entregassem um saxofone para um pasodoble enquanto a família palmas a compasso, a dona Irene

– Que porcaria de artista

e um sulco de indignação que ninguém notava nas bochechas pintadas, o médico

– Amanhã operamos o palhaço com cancro e ele não

– De que morrerão os palhaços? ele

– Já sei como os palhaços morrem

isto é os palhaços a seguir à barriga aberta os sapatos de verniz enormes, apesar de lhe terem tirado o saxofone o pasodoble aumentava, como vê o ratinho de chocolate não fez efeito avô, continuo a olhar a janela e o aperto não cessa, finge que abranda e não se ausenta de mim, oxalá se esquecesse como esqueci as flores na varanda do chalé, petúnias não, dalias também não, não interessa, em contrapartida não esqueceu a lagartixa numa falha de muro com as patas do lado esquerdo avançadas e a cabeça alerta, este mês ou no próximo o seu nome na página dos óbitos com uma cruz em cima, o empregado da estação empilhava pacotes de jornais com montes de cruzes que lhe diziam respeito e em que ninguém reparava ou se reparassem

– O neto do surdo?

pode ser que o farmacêutico ou o advogado de capachinho, sem clientes, que resolvia palavras cruzadas na esplanada e vivia da mulher, o capachinho despegava-se derivado ao suor e descobria-se um círculo de cola, a mulher a resignar-se

– Não me abriram os olhos a tempo

enquanto o capachinho ia entortando na direcção da nuca as mechas de palha, se tocasse a campainha a dona Irene vestida de enfermeira com o relógio pendurado de cabeça para baixo, que é da sua harpa dona Irene, pensando melhor faltava-lhe uma corda

– Não tenho ordens de dar outro rato de chocolate aguento-se

de forma que olhava a janela e a chuva nos caixilhos ou nem janela nem caixilhos, o postigo em que observava, empoleirado no tanque da

roupa, a empregada a despir-se, nunca mencionou a empregada na confissão nem a estrangeira loira da piscina e portanto se calhar a doença um castigo, a governanta do senhor vigário a recuar as uvas

– Pecaste

e ele a descer com o Mondego, ora este ressaltou ora aquele e a caminhar sobre o rio, mais que um porque se dividia para se unir outra vez confundido com a neblina que se levantava da água e arbustos e árvores e animais miúdos, ele quase tão magro como agora a escorregar na erva, por instantes julgou que adormecera mas continuava acordado mais o seu pavor e as suas lágrimas, seguro que nem um grito apesar de tantos gritos, se o tio com atenção

– O que se passa com o miúdo?

mas como dar por ele em Lisboa tão distante da vila, não tenho família desde há anos e todavia o pai a jogar ténis no hotel dos ingleses e a mãe a fazer-lhe a risca do cabelo

– Não te sacudas que coisa

com um cheiro diferente, de velha, a estudar as mãos com pasmo

– São minhas?

uma blusa que sobrava no corpo, olhos que o não reconheciam

– Quem és tu?

anéis que pertenceram à avó de modo que a mãe talvez capaz de lhe explicar os comboios, o do meio-dia com o jornal do avô de óculos e dedos no bolso, o correio, o mercadorias, o rápido, a mãe indefesa e minúscula na casa deserta, se dissesse

– Mãe

um soslaio indeciso, no hospital a chuva, os castanheiros de certeza negros, o prato da parede com uma Nossa Senhora estampada a desprender-se e a cair, se a mãe encostasse a bochecha à dele, mesmo idosa, mesmo cega, a palavra filho a fazer sentido, não a palavra doença, não a palavra morte, enquanto ia caminhando com os rios sem nada que o estorvasse, acompanhado pelo pasodoble de um saxofone remoto, na direcção do mar.